

As conjunções subordinativas concessivas no processo de produção textual e o uso de dicionário

Bruno Nascimento Moraes¹

Professora Michelle Machado de Oliveira Vilarinho (UnB)²

RESUMO

O objeto de estudo desta pesquisa são as conjunções subordinativas concessivas na produção textual dos alunos da disciplina *Leitura e Produção de Textos (LPT)* da Universidade de Brasília (UnB). Tal pesquisa surgiu com a finalidade (i) de observar a ocorrência do emprego das conjunções subordinativas concessivas na produção textual e (ii) de verificar a definição da palavra-entrada, referente a determinada conjunção, feita pelo dicionário, questionando enfim se tal definição é suficiente para auxiliar o aluno produtor de texto no emprego desses conectivos subordinativos os quais são imprescindíveis na superfície textual, sendo alguns dos elementos que garantem a coesão textual.

Palavras-chave: Conjunções. Dicionário. Definição.

Introdução

Este artigo, Orientado pela professora Michelle Machado de Oliveira Vilarinho (UnB), nasceu no projeto: *Desenvolvendo um método inovador para ensino de Leitura e Produção de Textos na UnB: a reescrita de textos*, coordenado pela professora Juliana Freitas Dias e é filiado ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP).

Nossa pesquisa analisou a descrição da definição lexical das conjunções subordinativas concessivas feita pelos dicionários. Paralelamente, verificou-se a ocorrência desses conectivos em texto, também, identificamos a relação existente

¹UNB. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP. Aluno de iniciação científica do curso de Letras – português, outubro de 2012. e-mail: soul.bruno@hotmail.com.

²Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, mestre em Linguística, licenciada em Letras Português do Brasil como Segunda Língua, professora assistente do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília.

entre as conjunções subordinativas concessivas e as conjunções coordenativas adversativas.

Empregamos o método descritivo-analítico neste trabalho da seguinte forma: 1) descrição dos processos sintáticos que se referem aos conectivos constituidores de uma sentença complexa (período composto), com o enfoque nas relações de subordinação e coordenação estabelecidas por meio de conjunções concessivas e adversativas respectivamente; 2) consulta a dicionários eletrônicos (Houaiss Eletrônico 2009; Novo Dicionário eletrônico Aurélio 2008), para análise do tipo de definição empregada no verbete da palavra-entrada; 3) consulta à produção textual dos alunos de LPT a fim de verificar a gramaticalidade no emprego das conjunções subordinadas concessivas.

1. Processos sintáticos

Os conectivos são palavras que criam relações entre os termos que integram a cadeia sintática de uma oração, para entendermos melhor essas conexões vejamos o que pensa Garcia (1986), para ele, um período composto, quando não constituído por frases de contexto ou situação, tem suas orações interligadas por unidades lexicais que compõem o funcionamento dos processos de subordinação e coordenação – *encadeamento* e *hierarquização* – da língua portuguesa, tais unidades são as conjunções. Dentre essas, a subordinação é o processo que nos interessa. Porém, também analisamos dentro da coordenação as conjunções adversativas com o intuito de verificar algumas relações existentes entre as concessivas e subordinativas. Traçamos o seguinte caminho:

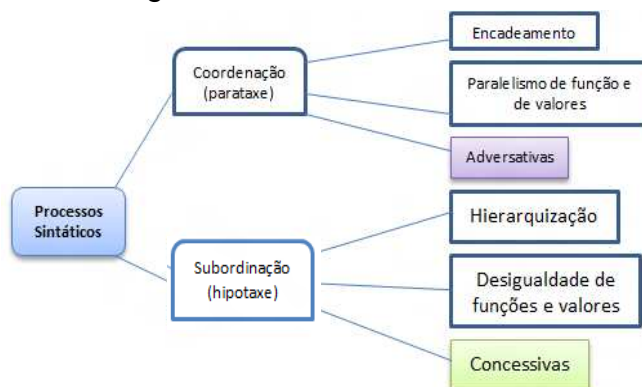


Figura 1: Processos Sintáticos
Fonte: (GARCIA, 1986, adaptado)

Esses processos sintáticos são essenciais à elaboração de um texto inteligível, coeso e coerente cujo cerne da mensagem a ser transmitida é o léxico. É na coesão textual, na superfície do texto, que podemos perceber se está afirmada a gramaticalidade dos elementos lexicais de coesão – os conectivos.

Mas o que é coesão? Segundo Koch (2005, p.45), coesão é um fenômeno de interligação entre os elementos linguísticos expressos na superfície textual, gerando assim sequências sintáticas significativas, logo coesão são os conectores expressos no texto, quando usados corretamente. Koch (2005, p.46) apresenta duas modalidades de coesão: a *arremissão* e a *sequenciação*, sendo a primeira uma forma de (re)ativação de referentes, já a segunda modalidade garante a progressão dos sentidos, fazendo com que o texto avance. Então, desses pressupostos, a autora conclui que a função dessas modalidades é organizar o texto, facilitar o processamento textual e organizar as partes do texto.

A nossa análise é seletiva quanto ao tema coesão, isto é, dentro desse vasto assunto, selecionamos uma estratégia coesiva, denominada coesão *sequencial*, para alcançar o objeto principal de nosso estudo, as conjunções.

Nas palavras de Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2007, p. 52), a coesão sequencial “é aquela através da qual se faz o texto avançar, garantindo-se, porém, a continuidade dos sentidos”. Essa forma de coesão se manifesta através de diversos recursos, todavia, é na *sequenciação* por *conexão* que se encontram os conectivos que estabelecem a relação semântica de contrariedade – conjunções concessivas e adversativas. Não se pode esquecer que existem outros conectivos que estabelecem relações semânticas de causa, consequência, condição, conclusão etc. Tais relações exercem uma função textual argumentativa.

Assim sendo, dos itens lexicais que criam a coesão de um texto, os que estabelecem a relação semântica de contrariedade é que foram analisados por nós nos dicionários, como já dito.

Do ponto de vista gramatical, Castilho (2010, p. 377) dispõe que as conjunções concessivas estabelecem uma qualidade de contraste com a oração principal, admitindo geralmente a seguinte estrutura “*Embora p, q*”. Esse mesmo autor nos alerta para a relação existente entre as conjunções concessivas e as

adversativas, dizendo que há um caso gramaticalmente mal resolvido entre essas classes de conjunções, uma vez que as adversativas podem ser parafraseadas pelas concessivas, vejamos os exemplos:

- a) *As adversativas e as concessivas andam de mãos dadas, **mas** deveriam discutir a relação.*
- b) ***Embora** as adversativas e as concessivas andem de mãos dadas, deveriam discutir a relação.*

(CASTILHO 2010, p. 377)

Analisando a e b, é possível ver alguns fatos gramaticais e um fato discursivo. Discursivamente, há uma alteração no eixo argumentativo: “enquanto na adversativa adiamos a negação de expectativas para a segunda sentença, na concessiva o desgosto vai estampado logo de cara, na primeira sentença.” (Id.; ibid.). Isso mostra a possibilidade de discursiva de negar logo sem hesitar ou adiar o conflito. Gramaticalmente,

as adversativas se expressam no indicativo e se situam em segundo lugar na sentença complexa; as concessivas se expressam no subjuntivo, que é o modo da subordinação, e se colocam em primeiro lugar na sentença complexa. (Id.; ibid.).

Como se vê, mesmo diante de uma relação entre tais conjunções, gramaticalmente existe um padrão que deve ser observado por quem vai produzir um texto. É por esse caminho que se orienta a parte da nossa pesquisa preocupada na análise de tais conjunções na produção textual.

2. As Ciências do Léxico em nosso estudo

A Lexicologia e a Lexicografia têm por escopo o mesmo objeto de estudo, ou seja, o léxico. Porém, tais disciplinas abordam tal objeto de formas distintas e com finalidades diversas.

2.1 A Lexicologia

A unidade lexical é de suma importância para o nosso estudo, pois é através do léxico que somos capazes de compartilhar uma cultura. Ele é o organizador das nossas experiências em palavras, como diz Biderman (2007), o léxico de uma língua

natural funciona como uma maneira de registrar o conhecimento que apreendemos do universo. A autora ainda explica como se dá a organização do léxico em termos psicológicos, elucidando que é por meio de conceitos – ou significados – que ocorre a ordenação dos dados sensoriais da nossa experiência.

Através de um processo criativo de organização cognoscitiva desses dados surgem as categorizações linguísticas expressas em sistemas classificatórios: os léxicos das línguas naturais. (BIDERMAN 2007 p. 13).

A Lexicologia, consoante Biderman, tem na base de seu estudo e análise os seguintes objetos: a palavra, a categorização e a estruturação do léxico. Sendo assim, perseguimos a observação dos já citados conectivos, considerando que cada palavra da língua (nesse caso as conjunções) é integrante de uma vasta estrutura que se ordena segundo duas coordenadas – o eixo paradigmático e o sintagmático. Da reunião desses eixos, tem-se a grande complexidade das redes semântico-lexicais em que se estrutura o léxico, esse processo corrobora o infinito de significações linguísticas que uma palavra, inserida no eixo paradigmático relacionada em combinações sintagmáticas, pode ter. Por essa razão, diz-se que a Lexicologia faz fronteira com a Semântica, pois tanto aquela como esta ciência consideram a dimensão significativa da palavra.

Por definição, “a semântica é uma disciplina linguística que tem por objeto a descrição das significações próprias às línguas e sua organização teórica.” (MECZ, 2006, p. 8). Nesse contexto existe a semântica lexical, conforme Pustejovsky (1964) trata-se da ligação entre a semântica no léxico e a sintaxe, desse ponto de vista a semântica aborda as propriedades das palavras de uma língua.

Portanto, podemos dizer que as conjunções usadas em um texto são unidades lexicais que, além de estarem envolvidas em um processo sintático, estão envolvidas em um mecanismo de significação não menos importante, pois essas palavras, contrariamente ao que se pode pensar, possuem teor significativo. Para validar essa hipótese, veja-se a seguinte ideia: “Significado são ideias ou conceitos que se podem transferir da mente do falante para a do ouvinte por manifestar-se nas formas de uma ou outra língua.” (LYONS, 2011, p. 104).

Logo, podemos afirmar que uma conjunção se enquadra nessas características por conseguir transmitir certa ideia de um para outro. Portanto o traço

semântico carregado por certa conjunção é imprescindível para o entendimento de um período composto, tanto que sua ausência pode tornar uma sentença sem sentido ou pode alterar a denotação da ideia que se pretendeu transmitir.

2.2. A Lexicografia e os Dicionários

A Lexicografia é considerada a ciência dos dicionários. Biderman alerta para o fato de que tais estudos nesse campo de conhecimento são relativamente novos, tendo princípio nos tempos modernos, embora tenha precursores na idade média. De fato, a descrição do léxico e análise da significação das palavras, nos últimos séculos, ficou a cargo da Lexicografia e não da Lexicologia, entretanto, Biderman diz que faltou certa práxis científica nesse processo, por isso o fazer lexicográfico fundamentado em uma teoria lexical e com critérios científicos é um pouco recente, diz a autora.

No entanto, os estudos de Francisco da Silva Borba contrariam a ideia de um estudo lexicográfico pouco científico. Em sua obra, *Organização de Dicionários*, esse autor mostra referência a obras lexicográficas anteriores a ele e dele próprio, o que solidificou sua base científica. O *Dicionário de Usos do Português do Brasil* (DUP) é um exemplo dos estudos lexicográficos realizados por esse autor, tal dicionário traz um registro lexicográfico da língua escrita no Brasil, na segunda metade do século XX. Tal dicionário se difere dos dicionários que utilizamos em nossa pesquisa, pois ele apresenta informações sintático-semânticas baseadas no pragmatismo da fala. Borba explica a importância dessa característica ao afirmar o seguinte:

O desenvolvimento da Linguística Textual, da Pragmática e dos estudos sobre aquisição do vocabulário tem demonstrado que os dicionários de língua não devem apresentar as palavras como unidades de sentido isoladas, mas, antes, em função da combinação com outras palavras e estruturas. Assim, deve ser dada atenção especial às relações gramaticais e às propriedades colocacionais. (BORBA, 2002, VI)

O pensamento de Borba é importante para orientar a nossa pesquisa, pois nesse caso sabemos que os dicionários utilizados por nós não são dicionários de uso, mas sim dicionários de língua que registram “as possibilidades ou o que pode ter sido usado neste quase dez séculos de existência do português” (Borba 2003, p. 303). Diferente do DUP, que registra o que de fato foi usado.

O dicionário é primordialmente uma ferramenta de consulta em nossa sociedade, assim, ele fornece ao consulente informações linguísticas a respeito de um lexema, devendo se ater às pendências das práticas sociais dos consulentes. No entanto, em alguns casos, essas informações podem não ser suficientes ao leitor, isso por que a utilidade do dicionário também depende da seguinte afirmativa: “o conhecimento lexical, mais do que o de outras componentes da gramática, depende também das condições de vida dos falantes.” (CORREIA, 2009 p. 47). A autora quer dizer com isso que o saber tácito do falante é relevante para que sua compreensão linguística do léxico seja eficaz.

Não obstante o conhecimento lexical depender da experiência de vida, o dicionário tem por objetivos aprimorar o tipo de conhecimento citado acima. Sua configuração pode ser descrita de acordo com a seguinte ideia de Faulstich (1997),

a configuração dos dicionários segue uma tradição lexicográfica, que considera a compilação e a recompilação de informações como uma forma de fornecer um conjunto de palavras as quais funcionam como referência de uma dada ordem de conhecimentos. (FAULSTICH, 1997 p. 166)

Então, compreende-se o dicionário como um repertório lexicográfico em que a *palavras-entrada* segue a ordem de alfabetação. Ele se constitui em duas grandes partes: *macroestrutura* e o *demicroestrutura*. A primeira parte, *macro*, “envolve o conjunto da obra, primordialmente introdução, anexos, bibliografia e todos os aparatos que compõem a ordenação.” (RAMOS, 2010 p. 169). Já a segunda, “é formada pelo conjunto de informações que compõem o verbete; é, de fato, o verbete na sua totalidade, constituído pela metalinguagem de que se provê a palavra-entrada.” (RAMOS, 2010 p. 169).

Por isso que se considera útil a consulta ao dicionário, pois ele apresenta os usos lexicográficos dentro do contexto social de uma língua, além de ter um caráter prescritivo, como sugere este pensamento “é um instrumento normatizador, já que, no corpo lexicográfico, há sempre uma grande preocupação com o ‘bom uso’ da língua.” (Id., Ibid., p. 173).

Na composição da *microestruturado* dicionário, temos o que se chama de *verbetes*, por definição, pode-se dizer que ele é a palavra registrada e toda informação sobre ela, o *verbetes* constitui-se sempre de um formato típico. Segundo Biderman (1984, p. 31), a indicação da categorização léxico-gramatical se localiza após a *palavra-entrada* na sua forma canônica ou lema, depois se tem uma

paráfrase do significado ou diversas acepções de sentido, caso a palavra tenha sentido polissêmico. Há também informações sobre a pronúncia da palavra.

Ainda quanto à microestrutura, a *acepção*, como informa Casares (1984, p. 76), é constituída pelos sentidos gerais ou especiais. Já a *entrada* – cabeça de verbete ou lema – é, como lembra Faulstich (2011, p. 191), uma unidade léxica que exerce o comando de todas as informações que integram o verbete, essa autora também explora o conceito de definição, dizendo que se trata de “um enunciado que expõe de forma sumária e genérica as características genéricas e específicas, de um objeto, inserindo-o num determinado campo do conhecimento.” (Id.; *ibid.*). Outrossim, o verbete presta informações gramaticais as quais podem indicar o gênero, classe gramatical, transitividade verbal, conjugação verbal. Já em alguns casos, o verbete apresenta informações morfológicas tais como flexão, composição, derivação. (CASTILHO & ELIAS, 2012, p. 21).

Para esta pesquisa, perseguimos a definição lexicográfica encontrada no verbete de cada palavra-entrada pesquisada. Conhecendo a definição de uma conjunção, espera-se que o consulente a empregue no texto de forma gramatical, com limites bem definidos de aplicação da palavra em questão. Esperamos essa expectativa pelo fato de o dicionário ser um instrumento normatizador que reflete o bom uso da língua. Essa definição se compõe de um significado que

consiste principalmente em uma elaboração de dados de uma percepção a base de experiência, de memória compartilhada e de interesses específicos de conhecimento, guiados por reflexão e análise, e não seria uma simples manifestação de uma espécie de automatismo cognitivo do ser humano. (LARA, 1996, p. 205)

Quando encontramos a definição de uma palavra, nos deparamos com a reconstrução de um significado pautado nos interesses da sociedade (Id.; *ibid.*).

A definição lexicográfica apresentada no dicionário pode variar, dividindo-se em tipos, estes podem ser: definição lógica, definição sinonímica, definição extensional, definição enciclopédica.

A definição lógica também conhecida como aristotélica, analítica ou intencional se estrutura pela apresentação de gênero próximo, expressando categoria ou classe geral, paralelamente, ainda nessa definição, são expostas as diferenças específicas, isto é, as propriedades peculiares da coisa descrita.

Na definição sinonímica é apresentada uma lista de palavras sinônimas. Conforme Faulstich (1995, p. 287), essa aproximação estabelece uma relação de identidade, de correspondência com o conceito entrada em determinado contexto. No entanto, algumas vezes esse tipo de definição não é capaz de esclarecer ao consultante o significado da coisa, uma vez que o caminho para se compreender a palavra é feito por meio da remissão.

Já a definição por extensão, também chamada de ostensiva, “caracteriza-se pela enumeração de todos os conceitos pertencentes ao mesmo nível de abstração ou de todos os objetos individuais pertencentes ao conceito que se está definindo”. (DIEGO, 1987, p. 52-53).

Por fim, tem-se a definição enciclopédica. De acordo com Lara (1989, p. 138), trata-se de uma descrição detalhada da coisa nomeada com vistas à exposição de dados extralinguísticos que envolvem o conhecimento tácito dos falantes da língua.

3. Procedimentos metodológicos

Nesta parte da pesquisa, quantificamos as ocorrências das conjunções subordinativas concessivas e das coordenativas adversativas nos textos dos alunos de LPT, porém não discutiremos sobre a gramaticalidade de tais ocorrências. Prosseguindo, verificaremos as definições propostas pelos dicionários, classificando o tipo de definição.

Então, seguindo o método descritivo-analítico, partiremos na seguinte ordem: 1º consulta aos dicionários (Houaiss Eletrônico 2009; Novo Dicionário eletrônico Aurélio 2008). 2º verificação da ocorrência das conjunções em textos dos alunos de LPT.

4. Primeiro caso analisado: definição das conjunções

Selecionamos 14 conjunções concessivas e buscamos a palavra nos dois dicionários, obtendo os apresentados nos quadros 1.A e 1.B. De antemão, observamos que as locuções conjuntivas não encabeçam verbetes nos dois dicionários, sendo assim, no caso da conjunção *a despeito de* que se constitui de três palavras, buscamos cada uma das palavras separadamente, em sequência, até encontrar a categoria gramatical referente a conjunção em questão.

HOUAISS			
Conjunção	Palavra-entrada	Definição	Tipo de definição
embora	embora	3.enquanto, mesmo que, apesar de que, ainda que	sinonímica
ainda que	ainda	a. quando ou que mesmo que; mesmo na eventualidade de que	sinonímica
mesmo que	mesmo	9. ainda que, embora	sinonímica
apesar de que	apesar	<i>adv.</i> (sXIII) indica, na oração ou sintagma a que dá entrada, uma ideia oposta àquela expressa na outra parte do enunciado, contrariando uma provável expectativa □ a. de não obstante, a despeito de • a. de que não obstante que;	metalinguística
posto que	posto	p. que 1 inicia uma oração que indica uma circunstância existente, mas que não foi suficiente para fazer algo (descrito na oração coordenada) acontecer; ainda que, se bem que, embora, posto	metalinguística
malgrado	malgrado	□ <i>prep.</i> 2.apesar de, não obstante	sinonímica
se bem que	se	□ conjunção 1 expressa subordinação à ação principal 1.1 indica hipótese ou condição; no caso de 1.2 indica tempo; quando, enquanto 1.3 indica causa; visto que, uma vez que 1.4 introduz oração subordinada substantiva e expressa dúvida, incerteza ou interrogação indireta; se acaso, se por acaso, se porventura	metalinguística
conquanto		□ conjunção introduz uma oração subordinada que contém a afirmação de um fato contrário ao da afirmação contida na oração principal, mas que não é suficiente para anular este último; embora, se bem que, não obstante	Metalinguística
não obstante	obstante	não o. 1 apesar de, a despeito de, nada obstante 2 apesar disso; entretanto, contudo, nada obstante	Sinonímica
a despeito de	despeito	a d. de não obstante, malgrado, apesar de	Sinonímica
nada obstante	obstante	nada o. m.q. <i>não obstante</i>	Sinonímica
quando	quando	4.4 concessão: ainda que, apesar de que	Sinonímica
ainda quando	ainda	a. quando ou que mesmo que; mesmo na eventualidade de que que	Sinonímica
mesmo quando	mesmo	□ conjunção 9 ainda que, embora	Sinonímica

Quadro 1.A : Identificação das definições
Fonte: (Dicionário eletrônico de Língua Portuguesa de Houaiss 2009)

AURÉLIO			
conjunção	palavra-entrada	definição	Tipo de definição
embora	embora	2.Ainda que; bem que; se bem que; conquanto:	sinonímica
ainda que	ainda	Ainda que. 1. V. <i>ainda quando</i>	sinonímica
mesmo que	x	x	x
apesar de que	apesar	Apesar de que. 1. Ainda que; embora:	sinonímica
posto que	posto	Posto que. 1. Ainda que; se bem que; embora; posto.	sinonímica
malgrado	malgrado	Preposição.	sinonímica

		2. Não obstante; apesar de; a despeito de:	
se bem que	se	Conjunção. 1. Condicional: no caso de; dada a circunstância de que: 2. Integrante: se porventura; se por acaso; se acaso:	sinonímica
conquanto	conquanto	1. Embora; se bem que; posto que; não obstante:	sinonímica
não obstante	obstante	Não obstante. 1. Apesar de	sinonímica
a despeito de	despeito	A despeito de. 1. Apesar de; não obstante, nada obstante:	sinonímica
nada obstante	obstante	Nada obstante. 1. V. <i>não obstante</i> .	sinonímica
quando	quando	3. Ainda que; mesmo que; se acaso:	sinonímica
ainda quando	ainda	Ainda quando. 1. Mesmo que; ainda que:	sinonímica
mesmo quando	x	x	x

Quadro 1.B: Identificação as definições – Aurélio.

Fonte: (Novo Dicionário eletrônico Aurélio 2008)

O tipo de definição *sinonímica* predomina nos verbetes das palavras pesquisadas, mas também tivemos a ocorrência do tipo de definição *metalinguística*. Como já observamos anteriormente, aquele tipo de definição pode não ser suficiente para esclarecer ao consulente o significado da palavra, uma vez que o caminho para se compreender a palavra é feito por meio da referência a uma lista de sinônimos, sendo assim, corre-se o risco de o consulente também não conhecer os sinônimos oferecidos pelo dicionário.

Os dicionários não apresentaram resultado positivo para as locuções conjuntivas e esse fato foi um ponto dificultoso em nossa pesquisa, pois pesquisamos a locução por partes, como por exemplo, na palavra *mesmo que*, nesse caso procuramos primeiro a palavra *mesmo* e em seguida a palavra *que*, logo o dicionário reconheceu cada palavra separadamente, mas apresentou significados distantes para uma conjunção concessiva, por isso constatamos a ausência de definição para essa conjunção. Nos outros casos em que não foi possível identificar uma definição, o problema se deu pelo mesmo fator.

Podemos organizar os nossos resultados da seguinte forma:

tipos de definição

■ sinônima ■ metalinguística ■ não consta

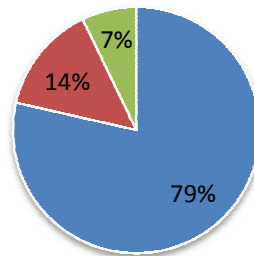


Figura 2: definições

5. Segundo caso analisado: resenhas

Seguindo nossa proposta metodológica, a segunda análise foi feita a partir de 28 resenhas dos alunos de LPT. Como resultado obtivemos 20 conjunções ora concessivas, ora coordenativas. Comparando a ocorrência entre os dois tipos de conjunções, temos o seguinte resultado:

tipos de conjunção

■ adversativas ■ concessivas

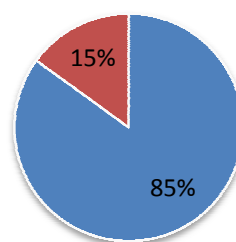


Figura 3: conjunções

Percebemos que o aluno de LPT optou, na maior parte dos casos, pela utilização das conjunções adversativas em vez das concessivas para estabelecer as relações semânticas de contrariedade entre as sentenças que encontramos no texto.

Curiosamente, dentre as adversativas a palavra *mas* predomina nos textos:

conjunções adversativas

■ mas ■ porém ■ todavia ■ entretanto

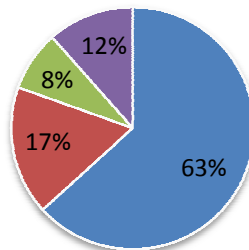


Figura 4: adversativas

Não podemos afirmar o real motivo dessa ocorrência, no entanto, podemos presumir que o aluno tenha melhor domínio sobre a aplicação dessa conjunção uma vez que em todos os casos a conjunção *mas* está de acordo com a norma gramatical, já nos outros casos podemos verificar alguns desvios de normatividade.

Coincidentemente, a conjunção *mas* tem uma definição mais completa nos dicionários em relação as conjunções concessivas pesquisadas anteriormente, então, sabendo que o dicionário é um instrumento normatizador que reflete o “bom uso” da língua, podemos supor que o bom uso da conjunção *mas* nos textos dos alunos pode ser reflexo de uma definição mais esclarecedora por parte do dicionário. Vejamos a definição da conjunção *mas* nos dicionários:

Definição	
Houaiss	Aurélio
<p>conjunção</p> <p>1. liga orações ou períodos com as mesmas propriedades sintáticas, introduzindo frase que denota basicamente oposição ou restrição ao que foi dito; porém, contudo, entretanto, todavia</p> <p>1.1. após negativa, estabelece (ou restabelece) a verdade sobre determinado assunto</p> <p>1.2. contrasta uma interpretação</p>	<p>Conjunção.</p> <p>1. Exprime oposição ou restrição; porém, todavia, entretanto, no entanto, contudo:</p>

Quadro 2: Definições da conjunção *mas*

Fonte: (Dicionário eletrônico de Língua Portuguesa de Houaiss 2009; Novo Dicionário eletrônico Aurélio 2008)

Pode-se dizer que essas definições são mais esclarecedoras por apresentam dois tipos de definição no verbete, *ametalinguística* e *asínonímica*, e não só o tipo de definição *sinonímica* como na maior parte dos casos das conjunções concessivas.

6. Considerações finais

Por meio destes estudos, fica clara a relação entre léxico, dicionário e gramática. As conjunções fazem parte do léxico de Língua Portuguesa, de modo que podemos consultá-las no dicionário e na gramática.

Percebemos que o ambiente escolhido para coleta de dados se mostrou eficiente no que tange a presença de dados. Os textos dos alunos de Leitura e Produção de Textos (LPT) da Universidade de Brasília (UnB) oferecem inúmeros fenômenos que podem ser observados pelas ciências linguísticas. Com relação a nossa abordagem baseada nas ciências do léxico, não há como negar a utilidade de um dicionário para um aluno que pretende construir um texto, no entanto, se esse aluno for pesquisar por uma conjunção concessiva em algum dos dicionários que analisamos ele encontrará em grande parte definição do tipo *sinonímica*, salvo os casos em que aparecem definições *metalinguísticas*, quanto a estas definições, para que haja uma real compreensão é necessário que o consulente tenha um mínimo de conhecimento gramatical a cerca do tema conjunção, no caso dessa pesquisa. Deste modo, Achamos que para as conjunções subordinativas concessivas o dicionário deveria trazer uma definição mais abrangente, porém esse é um ponto que podemos discutir em outro momento.

Referências bibliográficas

BASILIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo:Contexto, 2006.

BIDERMAN, M. T. *As ciências do léxico*. In: OLIVEIRA, A. M. P. P., ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo grande: UFMS,2001.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de Dicionários: uma introdução à Lexicografia*.São Paulo: Ed. UNESP. 2003. 356 p.

BORBA, F. S. *Dicionário de Usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

FAULSTICH, E. *Para gostar de um dicionário*. In: RAMOS, C. de M. de A.; BEZERRA, J. de R. M.;

FERREIRA, A. B de H. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 6.0*. 2008

ROCHA, M. de F. S. *Pelos caminhos da Dialetoлогия e da Sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas – homenagem a Socorro Aragão*. São Luís: EDUFMA, 2010, p. 166- 185._____. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*, 1995, v. 24, número 3.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: Aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 13. ed. Rio de janeiro: Fund G Vargas, 1986.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa: versão 3.0*. São Paulo: Objetiva, 2009.

KOCH, I. G. V. *A Coesão Textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Contexto, 2004.

MARCUSCHI, L. A. *Linguística do texto: o que é e como se faz*. Recife: UFPE, Série Debates,1, 1983.